

Atendimento às Crianças e Adolescentes em Situação de Risco
Daphne Cristina M. F. Vieira. Coordenadora da Criando Redes de Esperança. CMDCA.

O que é Criando Redes de Esperança?

Criando Redes de Esperança surge como Grupo de Trabalho para a articulação de secretarias municipais de Campinas na discussão e compreensão sobre o fenômeno criança e adolescente em situação de rua. Desenvolve diretrizes e prazos a partir de diagnósticos e se torna uma comissão permanente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente - CMDCA.

As Relações entre Risco e Rua

Quando uma criança ou adolescente se coloca em risco? O que é risco para uma criança ou adolescente?

Há exposição à risco quando seu mundo e sua intimidade de criança ou adolescente são invadidos por influências que podem lhe prejudicar ou quando ela se movimenta sozinha pelo mundo, entregue sem proteção.

De onde vêm o risco ?

Penso que o problema está no mundo, na maneira que nos tratamos enquanto pessoas, nas prioridades que elegemos, nas escolhas sociais e na maneira que interpretamos a idéia de educação. Os efeitos que o mundo causa na formação de uma criança ou adolescente deixam conseqüências por toda sua vida, boas ou ruins...

O risco pode estar em qualquer lugar e como característica geral quem oferece o risco é o adulto. Pode ser dentro de casa, ou nos espaços protegidos como a escola, por vezes até sem perceber, na forma como vemos ou deixamos de ver os meninos e meninas e que pode aflorar neles diversos sentimentos. A maneira como trabalhamos a convivência nos faz perder ou ganhar as pessoas.

A rua que para alguns é apenas um espaço de passagem, possui diversas outras finalidades que muito interessam aos mais jovens: sociabilidade, novidades, aventuras... o que a criança e o adolescente busca no espaço público ou nos espaços fora de casa e da escola vai de encontro com a formação que teve nestes espaços de proteção...

Nossa sociedade vive cercada de perversões, crueldade, intolerância, desejo de vantagens e indiferença que foram cultivadas durante muito tempo na nossa cultura e que são exercitados sobre quem tem menos condições de se defender.

Que mundo estamos oferecendo para os meninos e as meninas que crescem ao nosso redor? que atenção damos às suas necessidades? que escuta temos para suas idéias? que proteção conforme a prevista no Estatuto da Criança e Adolescente conseguimos oferecer na prática?

Segundo o ECA zelar pelo desenvolvimento harmonioso de todas as crianças e adolescentes é papel de todos os adultos. Vivemos uma cultura de banalização da violência, onde presenciar violações de direitos todos os dias é normal. Minimizar riscos envolve desenvolver uma nova cultura que surja da indignação e da ação perante às injustiças e que gere movimentos de compreensão e de convivência, preservação da vida, proteção, exercício da dignidade humana e criação de laços solidários, novas possibilidades para a nossa e para as novas gerações.

Da situação de risco para a experiência da rua

Foi interessante me aparecer o tema “situação de risco”, porque trabalho diretamente com “situação de rua” e quem está nessa área sabe que este é um quadro que necessitamos reverter.

Os “meninos e meninas de rua” são crianças e adolescentes que romperam ou se afastaram da convivência

com a família - os laços familiares - e passaram a viver por conta própria, se virando para comer, para dormir, para brincar, para amar, para criar, para ganhar dinheiro, e que por saber fazer tantas coisas são capazes de nos surpreender sempre. São extremamente inteligentes e habilidosos. Muitos lêem pouco e escrevem pouco, mas falam muito bem, pensam de maneira reflexiva e crítica e cultivam laços profundos com quem lhes dá atenção e puxões de orelha, as pessoas que se dispõem a conhecê-los, respeitá-los, amá-los e auxiliá-los em suas escolhas e conflitos.

Temos conhecimento de que meninos e meninas procuram a rua devido às situações de violência vividas por eles ou por familiares. Por não serem percebidos enquanto pessoas e sujeitos, por não sentirem afeto ou por se sentirem rejeitados, por sofrerem com traumas de rupturas dentro da família, pelo convívio com situações de risco dentro de casa como uso de drogas ou convivência com armas ou promiscuidade, por serem explorados pelo trabalho infantil, por sofrerem violência psicológica ou física, abuso sexual, ou ainda quando desde muito novos são colocados em abrigos e privados da convivência com os irmãos e demais familiares.

A convivência com fatores de risco e com abusos em casa ou nas proximidades de onde a criança ou adolescente vive ensinam maneiras de ser e de agir. Geralmente estas maneiras se manifestam na escola e no bairro através de agressividade, rebeldia, sexualidade precoce, dificuldade de aprendizado, envolvimento com drogas e favorecem o surgimento de estigmas, apelidos, discriminação, preconceito e todo um movimento que resulta na expulsão da criança ou adolescente da comunidade, ele ou ela passa a ter vergonha de viver no bairro.

Esse corte na raiz, sair sem ter para onde voltar, cria uma ausência de referência e os meninos e as meninas passam a circular por diversos lugares da cidade sem uma regra definida, de acordo com suas necessidades urgentes, de lugar em lugar, de mão em mão, o que com o passar do tempo se torna um hábito e gera um modo de vida acelerado e imediatista, onde dias e noites se somam meio a acontecimentos desregrados e não planejados (imagine-se na rua). Procuram e conhecem lugares diferentes para suprir cada necessidade: ganhar dinheiro, comer, dormir, tomar banho, participar de atividades educativas, usar substâncias, se divertir.

Na rua só possuem o próprio corpo e a própria razão, que muitas vezes por serem frágeis e estarem em desenvolvimento são dominado por violentadores, o que gera mais dor, culpa, medo, vergonha. Muitos meninos e meninas se sentem sozinhos na rua mesmo quando andam em bandos. O que se reflete na postura defensiva e violenta.

O sentimento que temos em relação ao espaço da rua e à noção de espaço público se reflete no corpo dos meninos e meninas e na maneira como estas crianças e adolescentes são vistos pela cidade pelos cidadãos: como sujos e através da idéia de que são de responsabilidade da administração pública. O circuito da rua leva a uma circulação por espaços movimentada também pela expulsão violenta de sinaleiros e mocós, gerando mais impermanência.

A criança e o adolescente em situação de rua aprenderam a viver o risco como linguagem primeira. E intervir nessa linguagem na perspectiva de propor outras formas possíveis de comunicação exige dedicação e superação das respostas prontas que conhecemos. É um longo trabalho em busca do outro, de sua forma de sentir, pensar e agir, compartilhando com ele as responsabilidades.

Abordagem e Cuidados

Em Campinas a rua tem sido trabalhada através de intervenções com a finalidade de criar lugares para a permanência dos meninos e meninas e estratégias pedagógicas que possam criar vínculos afetivos e educativos, oferecendo proteção sem aprisioná-los à um modelo disciplinar, mas através de espaços que possam frequentar para comer, dormir, estudar, se cuidar, exercitar artes, conversar, passar o tempo e construir junto à educadores, assistentes sociais e psicólogos projetos de vida que possam favorecer a retomada de contato com a família ou prepará-los para viver por conta própria através do apoio de instituições, vislumbrando sua autonomia.

Meninos de rua falam pouco sobre suas dores e quando falam é para pouca gente e em momentos

intimidade. Sempre que se começa aprofundar nesta relação se toma conhecimento de uma série de violências vividas desde o nascimento.

A estratégia sempre foi utilizar a escuta, respeitando os momentos, as opiniões e o modo de vida, tentando entender o sentido encontrado por aquela pessoa para viver sua vida e colaborando com propostas que possam ser prazerosas e úteis, que possam favorecer pausas para a reflexão e auxiliem na compreensão de sua própria situação, investigando e evidenciando para cada um seus desejos e capacidades de transformação.

Da cultura da rua falam muito, mais do que se pergunta. Dos movimentos e overdoses de droga, das brigas, espancamentos, detonações, conflitos com a polícia, de quem traiu e foi punido, dívidas, intolerância e da vida de crime. O sofrimento é algo que foi ensinado a eles como realidade ao longo da vida. E que responsabilidade temos nós adultos em relação à isso?

Esse trabalho é muito difícil, sempre ocorrem diversas situações violentas que interrompem ou mudam a continuidade das propostas.

Fluxo e notificação

Estamos adotando o sistema Sisnov Sinam para apresentar dados organizados sobre as ocorrências de situações de violência.

Nossa rede até hoje atuou intersetorialmente na proteção especializada, com o foco só nos meninos de rua e suas famílias, no entanto sentimos necessidade e desejo de fortalecer relações com a proteção básica e comunitária, pois a vida se transforma nas idas e vindas dos meninos entre a rua e a casa e se a comunidade estiver fortalecida com propostas que favoreçam e valorizem a presença e experiência dos meninos e meninas em ações de conscientização, reflexão e novas atitudes coletivas estaremos trabalhando na necessária prevenção ao fenômeno situação de rua, discutindo sua origem junto às crianças e adolescentes das comunidades e nos organizando para cobrar do poder público as ações necessárias para a garantia de proteção à riscos.

Os programas que compõe a Criando Redes de Esperança são:

Secretaria de Assistência Social – Co financiamentos com ONGs

Casa Guadalupana (arte educação na rua, oficinas e atendimento psicossocial)
Centro de Convivência 24 horas (Pernoite Protegido e atendimento psicossocial)
Abrigo Especializado Feminino
Abrigo Especializado Masculino
Indicando Caminhos (acompanhamento na rua e atendimento psicossocial)

Assistência Social - OG

Convivência e Cidadania (mercado informal e PETI)

Secretaria de Saúde

Craísa (atenção à saúde mental)

Secretarias de Saúde e Assistência Social

República Assistida (república com atenção à saúde mental)

Secretaria de Educação

Sala de Transição (escola de transição para o ensino formal)

Medidas Sócio Educativas

COMEC

Parceiro

Conclusão

Precisamos estar perto, de corpo, mente e alma das crianças e adolescentes. Entender e procurar vê-los como são, conhecer cada um. Reconhecer que eles tem voz, questionamentos, dúvidas, pensamentos, sentimentos, que vivem e precisam ser ouvidos e cuidados, mesmo quando não falam. Crianças e adolescentes tendem a absorver o que vivem como natural e a reproduzir as situações que vivenciam. Nosso papel de proporcionar realidades boas de viver e construir espaços de diálogo é fundamental para que possam se desenvolver. É necessário criar aproximações com a criança e o adolescente lembrando que a maneira que eles tem de se relacionar e se comunicar é diferente da maneira do adulto. Estratégias de aproximação e de comunicação através de grupos, atividades criativas, jogos e artes estimulam e respeitam seu modo de ser e agir e quanto mais participantes forem com seu ponto de vista, mais redes sociais estaremos criando, onde poderão recorrer quando precisarem de apoio.

A comunidade é um campo que favorece a criação de mecanismos de reflexão que podem envolver a participação de todos: adultos, crianças e adolescentes e onde se pode discutir e desnaturalizar as situações de violência, identificando no coletivo a origem delas e pensando ações preventivas através de novas propostas para a realidade local. Quanto mais próxima, fortalecida, incentivada e consciente estiver a comunidade, quanto mais se conhecer através do exercício do uso dos seus espaços de participação como conselhos escolares e de saúde e atividades culturais e de lazer, mais compromisso terá com o enfrentamento dos problemas e com a proteção de todos e poderá criar movimentações organizadas que pressionem o poder público para a tomada de ações.

Nesse sentido a movimentação das unidades administrativas regionais de Campinas para as Conferências de Direitos da Criança e Adolescente é um passo importante para colocar em pauta a realidade dos meninos e meninas.